



O Estalajadeiro de Andermatt

THOMAS MEDWIN

FREE BOOKS

THOMAS MEDWIN

O ESTALAJADEIRO DE ANDERMATT

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL – CLÁSSICOS
ESTRANGEIROS

TERROR – HORROR - FANTASIA

Título: O ESTALAJADEIRO DE ANDERMATT

Autor: Thomas Medwin (1788 – 1869)

Tradutor: Autor desconhecido do séc. XIX. Fizeram-se breves adaptações textuais.

Fonte: Museo Universal (RJ), 1838.

Imagem da capa: Eduard Theodor Ritter von Grützner (1846 – 1925)

Leiaute da capa: Canva.

Série: Nossos Autores – vol. 54.

Editor: Free Books Editora Virtual .

Site: www.freebookseditora.com

Direitos da obra e da tradução: Original e tradução de domínio público (art. 41, *caput*).

Direitos da adaptação textual: © Paulo Soriano.

Ano: 2018.

Sites recomendados:

<http://www.triumviratus.net/> <http://www.contosdeterror.site/>,
<http://www.contosdeterror.com.br/>

Sumário

O ESTALAJADEIRO DE ANDEMARTT5

SOBRE O AUTOR25

O ESTALAJADEIRO DE ANDEMARTT

Mal se concluiu a paz geral, segui o exemplo de milhares dos meus compatriotas, para quem o Continente por tanto tempo estivera fechado, e parti para a Suíça. Pouco ou nada se sabia então daquele país. As estalagens poucas e péssimas. Hoje já isso não é assim. Os habitantes desde esse tempo para cá têm perdido também muito da sua individualidade. O atrito dos estrangeiros e a corruptora influência do seu ouro têm feito desaparecer essa simplicidade de maneiras e muitas das virtudes que aos montanheses legaram os seus antepassados.

Um dos primeiros lugares que visitei foi o lago dos Quatro Cantões. Esse lago, cujas margens deram nascimento aos heróis patriotas que despedaçaram o jugo de estranha Tirania. Os lagos da Suíça têm todos um caráter peculiar, devido talvez à sua solidão.

De Altorff atravessei o monte S. Gothard, e, felizmente para mim, vi essa estrada antes de ter-se começado a nova à imitação da do Simplon. As artes mecânicas e a civilização matam o sentimento e cortam o voo ao estro. Não havia então o hediondo barco a vapor com a sua negrejada coluna de fumo, para destruir a conexão do presente com o passado. Um batel igual na construção aquele de que Tell, saltando sobre a rocha, despedira a flecha que atravessou o coração de Gesner, conduziu-me às fraldas do S. Gothard. Esse monte não estava então cortado por uma estrada como a de hoje, que dá passagem a enormes diligências com os seus tejadilhos, condutores e criadas graves, apinhoados no topo dessas disformes carroças.

A vereda, que por muitos séculos fora trilhada, profunda e precipitosa, só dava passagem a pé ou a cavalo; vereda a mais sublime de todas, com as suas ensurdecedoras torrentes, bordada de gigantescos pinheiros que

gradualmente se tornavam em pigmeus, a maneira que se iam perdendo por entre as nuvens.

Era no mês de abril e perto das dez horas da noite, quando, depois de ter caminhado muito, cheguei a uma estalagem nos subúrbios da pequena vila que tem o nome sonoro e musical de Lugano. Não era a melhor estalagem do lugar. Mas, depois de ter vivido por tanto tempo nas queijeiras da Suíça, com pouco me contentava, tudo me parecia bom, e o que queria era achar um abrigo. O estalajadeiro parecia respeitar pouco os que viajavam a pé, porque nem se levantou para me saudar quando eu entrei. Estava sentado perto da lareira com um viajante que, a julgar pelos seus bigodes brancos e traje meio militar, era soldado veterano.

As maneiras do nosso estalajadeiro não eram por certo muito urbanas. Mostrava-se bem pouco disposto a oferecer-me essa hospitalidade de que Goldsmitli tanto falou. Disse-me, com

semblante carregado, que a sua estalagem estava cheia, e que o viajante que acabava de chegar (apontou para o veterano) tinha tomado o seu último quarto. A lareira tinha bancos de roda e respondi-lhe, por isso, que, se me desse dois cobertores, dormiria ali mesmo.

O veterano ofereceu-me civilmente metade da sua cama, mas, como o estalajadeiro acedeu à minha proposição, recusei aceitar a oferta do melhor modo que me foi possível. Uma excelente sopa de macarrão e uma deliciosa truta e uma boa fritada de ovos fizeram-me esquecer a carranca do estalajadeiro e os bancos em que havia de dormir. Comecei a comer com um apetite verdadeiramente alpino, e, como me disseram que o vinho era bom, mandei vir duas garrafas de Bordeaux, de que eu e o veterano cedo demos conta.

O meu companheiro era homem agradável. Comuniquei-lhe de onde vinha e para onde ia, e ele disse-me também o motivo que o trouxera a

Lugano. Falei com entusiasmo do S. Gothard e do vale de Andermatt. Ao pronunciar esta palavra, notei que o meu companheiro mudava de cor, que parecia estar aflito. Bebeu a tragos dois copos de Bordeaux, como para animar-se, e começou a história seguinte:

“Talvez ouvísseis falar em Sowarrow e nas terríveis privações que ele e os russos sofreram nessa memorável retirada pelo S. Gothárd. Era eu então soldado do exército francês, e, achando-me na retaguarda, composta de uma companhia de caçadores, guardando algumas bagagens e mantimentos que havia pouco tinham chegado, acampamos de noite em Andermatt. Lembrai-vos, sem dúvida, desse verdejante vale e do manso ribeiro que o banha, que, por um singular capricho da natureza, apresenta tão notável contraste com o caos de rochedos e turbulência que marca o precipitado curso da torrente, até que se confunde com as azuladas águas do lago dos Quatro Cantões.

“Pois bem, há, ou havia, em Andermatt uma única estalagem...”

O estalajadeiro que, havia algum tempo, estava dormitando, levantou-se sobressaltado e deixou cair o copo no chão. Até então mal tinha eu reparado nesse homem e na sua fisionomia. Mas, mas agora que o encarava e que a luz da lareira lhe alumiaava o rosto, parecia-me impossível que feições como as suas não tivessem atraído há mais tempo a minha atenção. Tinha de cinquenta e cinco a sessenta anos de idade, era baixo e grosso como todos os montanheses, tinha olhos pardos, inflamados pelas bebidas, faces pálidas e descarnadas e as feições traíam uma tristeza habitual, como se estivesse entregue à continua contemplação do crime ou ralado pelos remorsos. Pelo menos tal foi a impressão que me causou, e tive um pressentimento indefinível de que este homem tivera parte na história que estava ouvindo.

Há em nós, se não a reprimimos, uma consciência interna, um sentido independente dos nossos sentidos externos, que nos dá um conhecimento profético da verdade das coisas, um poder secreto de adivinhação que faz de um olhar uma interjeição, que torna um gesto eloquente. Assim, o copo que caiu ao chão foi um eco que vibrou no meu coração e que me obrigou a vigiar de perto a fisionomia e os gestos do estalajadeiro.

Enquanto eu assim discorria comigo mesmo, continuara o oficial a sua história.

“Esta solitária estalagem era, no tempo de que falo, um simples abrigo igual a esses que hoje encontramos no Simplon e outras estradas que cortam os Alpes, e que o governo manda edificar para abrigo de viandantes.

“Tínhamos acampado nas margens do ribeiro. Como o destacamento era pequeno, e as montanhas andavam cheias de trânsfugas de ladrões, era mister estar alerta. O assistente do

comissário-geral, a quem estavam encarregadas as bagagens e mantimentos, alojou-se na estalagem onde, no único quarto que ali havia, lhe prepararam uma espécie de cama, separada somente por um cobertor do leito do estalajadeiro e sua mulher.

“Sentado perto da lareira, aquecia-se ao fogo de algumas achas de lenha, quando viu entrar um mercador volante que a presença do inimigo detivera por algum tempo em Altoff. Mal soube que os russos se tinham retirado, pôs-se a caminho de Milão e veio ao vale de Andermatt para continuar a sua jornada sob a proteção de nossas tropas. Como tivesse bebido largamente, falou com demasiada indiscrição do valor de uma caixa de joias que trazia. Omiti dizer-vos que o jovem assistente do comissariado se chamava Adolphe e que era meu patrício. Tínhamos sido condiscípulos e amigos desde a infância e a nossa intimidade tinha crescido ainda mais desde o momento em que me

declarara que amava a minha irmã, com quem estava para casar-se quando a junta do município nos marcou no mesmo dia vítimas do alistamento. Para o pobre Adolphe, foi um momento bem melancólico o da despedida, e mais triste foi ainda para a sua desventurada mãe, que perdera seu marido no campo de batalha nas primeiras campanhas da revolução. Adolphe era seu filho único, seu único apoio no mundo, o bordão da sua velhice. A cabana em que habitavam e uma pequena horta eram a única coisa que possuíam. Mas a pobre velha vivia contente: essa módica fortuna, a presença de seu filho e a esperança de abraçar e criar os netos a tornavam feliz. Ah, esses sonhos de ventura duraram pouco! Apertando o seu Adolphe contra o peito, dizia-lhe o último adeus, dava-lhe o derradeiro abraço.

“Chegamos ao exército no mesmo dia e entramos para o mesmo corpo. Mas, em atenção aos serviços do pai de Adolphe, que o coronel do

regimento conheceu, foi admitido o meu amigo no comissariado, serviço que lhe prometia realizar uma fortuna em pouco tempo. Mas não era ele talhado para uma vida de atividade e empreendimentos. O seu temperamento era melancólico e os seus pensamentos revertiam a cada instante para a sua cabana, para as pessoas que lhe eram tão caras. Durante a marcha, estava quase sempre ao meu lado. As horríveis solidões dos Alpes e a terrífica grandeza da Ponte do Diabo recordavam com mais força os verdes prados e vinhas das suas planícies natais. Uma sombria de preocupação de espírito, um fatal pressentimento lhe fazia dizer que o S. Gothard era uma barreira eterna entre ele e as suas esperanças. Eu ria de seus receios, chamava-lhes quiméricos e estonteados, e procurava animá-lo, mas em vão. Tal era a disposição de ânimo em que o deixei quando acampamos.

“Tendo Adolphe repartido a sua ceia com o mercador volante, ofereceu-lhe, como eu vos

ofereci, metade da sua cama, que ele aceitou agradecido; e, tendo depositado a sua preciosa caixa debaixo do travesseiro bem depressa começou a rressonar. Os outros habitantes da estalagem já dormiam a sono solto, mas Adolphe não podia cerrar os olhos...”

Aqui deu o nosso estalajadeiro um grande suspiro que o oficial francês, contudo, não ouviu. Examinei-o com atenção: tinha a cabeça apoiada na mão, os dedos entrelaçados nos cabelos. O copo quebrado jazia a seus pés, e pareceu-me estranho que não se tivesse provido de outro, pois tinha a garrafa quase cheia diante de si.

“A lua estava no crescente e os seus raios iluminavam o centro da estalagem, deixando os lados em espessa escuridade: parecia convidar Adolphe a sair para o campo. Levantou-se e apalpou a porta, mas achou-a trancada e fechada, e, receando incomodar o companheiro, lembrou-se da janela. As folhas cederam sem o menor

esforço e, subindo ao parapeito, Adolphe saltou na estrada.

“Oh, como era brilhante o espetáculo da lua nos alcantilados Alpes! Como dormia plácido nos seus raios o esmeraldino vale! Como tremulavam os seus reflexos nas transparentes águas do ribeiro que, qual cobra prateada, por ele serpenteia. Os cimos dos penhascos, até as longínquas alturas do Grimsel estavam argentados, e o largo resplendor do Ródano, que por entre eles corre, parecia indicar aos espíritos a estrada celeste! Nem um sopro de vento agitava as ervas. Era tal o silencio que os medidos passos das sentinelas se ouviam distintamente marchando sobre a aveludada relva.

“Adolphe procurou acalmar a febre dos seus pensamentos na calma da natureza. As sentinelas o viram e gritarão “Quem vem lá?”. Era eu uma delas. Reconhecemos Adolphe, mas, como os artigos de guerra o proibiam, ninguém lhe deu uma palavra. Passou perto de nós e os

meus olhos o acompanharão por muito tempo, até que um rochedo o ocultou. Por quanto tempo vagou e até onde foi, não sei, porque pouco tempo depois fui eu rendido.

“Perguntei depois a Adolphe até onde tinha ido; só se recordava de que tinha estado sobre a Ponte do Diabo, e de que, olhando para a espumante torrente, quisera arrojarse ao abismo e, com dificuldade, resistira ao impulso.

“Finalmente, porém, voltou para a estalagem, deitou-se vestido ao lado do seu companheiro, e caiu em um êxtase que, semelhante ao que produz o ópio, apenas pôde chamar de sonho. Horríveis visões o atormentaram. Parecia-lhe ver palpavelmente a figura do estalajadeiro com as mãos tintas de sangue.”

O estalajadeiro, ao ouvir estas últimas palavras, deu gemidos audíveis, mas o narrador, absorvido nas suas próprias reflexões ou

atribuindo esses gemidos a uma natural tendência dele, quase não reparou.

“Parecia-lhe, continuou o oficial, que um cadáver frio jazia a seu lado, que as mãos desse cadáver apertavam estreitamente as suas! Tanto o sonho se assemelhava à realidade que se levantou sobressaltado, e, cheio de espanto, olhou em derredor de si. Mas tudo estava em silêncio, a lua tinha desaparecido por trás dos montes, a escuridão sucedera à sua brilhante luz. Adolphe deitou-se, e bem depressa adormeceu.

“De madrugada, devíamos começar a marcha. Era no mês de junho, e naquelas Alpinas alturas o sol nasce mais cedo do que nos vales. Ainda não eram três horas quando despertei ao clamor de muitas vozes, entre as quais mais se distinguia a do estalajadeiro. Estava em fraldas de camisa, e arrastava um homem para o nosso acampamento. Esse homem era Adolphe. Denunciou-o como o autor de um assassinio cometido na estalagem, e declarou querer falar

de imediato com o comandante. Deixamos as mulas que estávamos arriando, e corremos confusamente à estalagem, onde deparamos com um horrível espetáculo. O mercador, quente ainda e ensanguentado, estava estirado na cama, onde claramente se via a impressão de um outro homem, porque o rego de sangue que ainda corria da ferida do mercador formara ali uma poça. A seu lado, jazia a espada de Adolphe, tingida de sangue.

Cumpramos confessar que o ter ele saído da estalagem antes de amanhecer, e pela janela; o desaparecimento do cofre, que se podia supor fora esconder em alguma toca para em ocasião mais oportuna o transportar apresentavam muitos e fortes indícios contra ele.

“O conhecimento das provas que depunham contra ele, e, sobretudo, o semblante dos oficiais e de todos os que o rodeavam, onde claramente lia a plena convicção do seu crime e a certeza da sorte cruel, da morte ignominiosa que

o aguardava, por tal modo o intimidaram e enervaram, que nem uma palavra pôde proferir em sua defesa. O seu rosto estava pálido, as suas feições indicavam o terror, o seu olhar apresentava a vidrada expressão do idiotismo. Nunca se viu uma pintura mais perfeita do réu cômico do seu crime. Neste estado de desespero foi algemado e conduzido para Bellengina, onde se achava o quartel-general do exército. Os conselhos de guerra, especialmente em campanha, são muito sumários. O comandante era suíço; tinha a mais alta ideia das virtudes dos seus compatriotas, e repelia a possibilidade de poder suspeitar-se um simples lavrador, um montanhês, que, dizia ele, nenhum uso poderia fazer do ouro e dos diamantes, mermo se os possuísse.

Passadas duas ou três horas, nomeou-se um conselho de guerra para julgar o meu desventurado e inocente amigo. Prostradas todas as suas energias mentais e físicas, insensível à

cena em que representava um papel tão conspícuo, ouviu ler as provas que se amontoavam contra ele sem ter força para impugná-las. Quando lhe disseram que se defendesse, confessou que eram verdadeiros todos os factos que apontavam, menos o do assassinio. Referiu o seu passeio nas montanhas, o sonho que tivera, e como, ao acordar, vira o mercador morto e o estalajadeiro junto à cama. Mas contou tudo isto por maneira tão confusa e incoerente que, longe de provar a sua inocência, mais confirmou os seus juízes na convicção que tinham de que fora ele o assassino. Em uma palavra, foi declarado criminoso e sentenciado a morrer espingardeado.

“Uma hora antes do fatal momento, tive uma entrevista com o infeliz Adolphe. Conhecendo-o desde criança, conhecendo todos os segredos da sua alma, o meu coração o absolvía. Contudo, era eu o único no campo que o julgava inocente. Posto que jovem, era somente

a ideia da infâmia, a lembrança de sua mãe, da sua amada, que o atormentava, que tornava a morte mais amarga. A mim, ao seu amigo, encarregou ele da tarefa de dar os últimos adeuses àqueles que lhe eram gratos, de purificar a sua memória; e, depois de confundirmos as nossas lágrimas, preparou-se para a morte.

“Nada há de tão majestoso, tão terrível, como uma execução militar! Os tambores cobertos de crepe, as armas em funeral, o criminoso com a cabeça descoberta, o silêncio que reina nas fileiras, tudo tende a comover o coração mais insensível.

“Adolphe tinha recuperado toda a sua coragem; os seus passos eram firmes, suas faces tinham perdido a palidez e a expressão de terror que as desfigurava, seus olhos estavam levantados para o céu, onde ia ser recebido como um espírito bem-aventurado! Ainda agora o estou vendo de joelhos. A atitude em que o vi quando apresentou o peito às espingardas dos

seus camaradas nunca se me apagou da memória! Parece-me que a palavra fatal — fogo — ainda me retine nos meus ouvidos, e que, atravessado por muitas balas, o vejo cair sem exalar um só gemido...”

Quando o oficial acabou a sua narrativa, agudos e repetidos foram os gritos que ressoaram no quarto. O estalajadeiro jazia no chão em horríveis convulsões. O que antes parecera suspeita, convertia-se agora em certeza. O oficial considerou-o atentamente. Uma súbita recordação lhe assaltou o espirito, e, rangendo os dentes, exclamou:

— É ele, é o facínora dos Alpes, o estalajadeiro de Andermatt! O assassino do meu amigo!

Shakespeare conhecia bem o coração humano quando fez Hamlet representar, à vista dos assassinos de seu pai, o ato de uma comédia para os convencer do seu crime. Mas a desgraça de Adolphe, assim relatada, feriu ainda com

mais força o peito do facínora e rasgou-lhe o coração! Nunca me olvidarei da fisionomia desse assassino e das suas palavras! Durante o seu delírio, traiu o seu segredo. Um horrível espectro o perseguia, que debalde procurava afastar de si. Toda a noite velamos, e, de madrugada, procurando o magistrado de Lugano, obtivemos uma ordem de prisão contra o criminoso, e fizemo-lo conduzir à cadeia. Semelhante a todos os assassinos, a quem nos derradeiros instantes da vida ralam os remorsos, confessou o estalajadeiro de Andermatt o seu horrendo crime, e foi expiar no cadafalso os seus pecados.

SOBRE O AUTOR

O escritor inglês **Thomas Medwin** (1788 – 1869) é conhecido sobretudo por haver escrito a biografia de seu primo, o grande poeta Percy Shelley e por sua amizade com o não menos talentoso Lord Byron, sobre quem escreveu no polêmico livro *Conversations of Lord Byron*. Por muito tempo não apenas atribuiu-se a autoria de seu conto *O Estalajadeiro de Andemartt* a Charles Dickens, como pensou-se — e ainda se pensa — que a versão que ora apresentamos, surgida no Brasil e em Portugal em 1839, seria a primeira tradução da obra do genial escritor em língua estrangeira, e tudo isto por conta de um equívoco na atribuição de crédito da obra. O conto de Medwin, cujo título original é *The Innkeeper of Andermatt*, apareceu, juntamente com o romance *Oliver Twist* (quando Dickens ainda assinava Boz), no *Bentley's Miscellany*, vol. III, 1838. Talvez daí a confusão. *O Estalajadeiro de Andemartt* foi publicado originalmente, no Brasil, na Revista Museo Universal, que serviu de fonte à presente publicação.